

MARCEL PROUST: O MILAGRE DO CHÁ

Gilbert Chaudanne

Quando Marcel Proust se debruçou por cima da sua xícara de chá, ele não sabia que estava começando uma viagem quase epistemológica que ia levá-lo às mais requintadas especulações sobre o conhecimento e a memória. Porque a sensação de um chá inglês junto com a de uma "madeleine" (tipo de bolo fofo com a forma de ovni) molhada neste chá, fez com que ele sentisse, primeiramente, uma estranha felicidade, algo tão forte que ele não hesitou em usar palavras de cunho místico (logo ele tão avesso a tudo o que toca diretamente na divindade...) como, por exemplo, a palavra **imortal**. Isso para caracterizar este estado extraordinário, fora do comum.

Porém, o seu espírito francês, salpicado de racionalismo, dessa razão que quer entender as coisas, não aceitou esse êxtase como êxtase em si, auto-suficiente. Mas procurou logo explicá-lo, esclarecer aquele enigma digno dos antigos faraós -- quem sabe -- e isso, dentro dos salões mundanos de Paris da "Belle époque" ou nas salas cheias de rendas e bibelôs de sua família.

Pois bem, Marcel Proust vai à luta, tendo ao seu lado o padroeiro intelectual da França Santa: René Descartes. Ele vai cavando a lógica cartesiana na sua forma mais evidente: esse êxtase a ser analisado não deixa de ser um fenômeno, e todo fenômeno tem uma causa (lei da causa e do efeito: não há efeito sem causa). Então, resta descobrir qual é essa causa. Mas Descartes ali não basta, porque aquele bastardo só trabalha com a Razão Pura e aqui o problema é prático: um bolo e um chá e seus supostos efeitos extáticos. Há de trocar de método: o chá e o bolo na sua devoração constituem uma experiência e para examiná-la cientificamente — essa experiência — há de usar o método das ciências experimentais (o que Claude Bernard definiu no século XIX na sua "Introdução ao estudo da medicina experimental") e um dos princípios dessas ciências é a possibilidade de repetição da experiência.

Então, Marcel Proust, bom aluno de Claude Bernard, repete a experiência: ele prova de novo o bolo e o chá e constata que o efeito (estado extático) não aumenta, ao contrário, diminui! Logicamente, ele deduz que o chá e o bolo não são a causa (no caso, química: tipo efeito do álcool ou de uma droga) do fenômeno. E como o fator exterior foi só isto: o chá e o bolo e que eles não são a causa, Marcel Proust não tem outra escolha a não ser a de pensar num fator interior que seria a causa do fenômeno.

Ele tem, pois, que estudar seu próprio espírito e com quê? Com seu espírito. Então é obrigado a reconhecer que essa tarefa é árdua. Já que ele não tem mais a distância, o afastamento necessário para uma visão mais nítida do objeto estudado (exemplo: o que está debaixo do seu nariz você não vê facilmente e menos ainda se esse objeto está dentro de você). É o espírito estudando a si mesmo. Essa superposição do objeto e do caminho do conhecimento, ou do sujeito se conhecendo, não facilita a tarefa — já que o distanciamento necessário à conscientização ficou nulo. Nesse ponto se chega no grau zero do conhecimento e Proust encontra a solução num outro tipo de "atividade" que é a Criação Artística. Tudo acontece como se neste ponto zero, há de ter não mais um progresso — por definição

impossível — porém um pulo, um salto para o alto ou de lado, chegando assim em algo que não é mais o conhecimento e que, entretanto, conhece mais que o próprio conhecimento. É um "INconhecimento" — o IN quer mostrar a impossibilidade do conhecimento e não só sua ausência, como em desconhecimento, um não saber. É avirtude essencialmente esclarecedora e regra ao mesmo tempo da obra de arte.

Solução temporária para o nosso Marcel Proust profundamente marcado pela ânsia de nitidez e clareza, que são características do Espírito Francês. Ele insistiu, pois, em voltar no caminho racional (a explicação da sensação) até chegar em tal ponto de desânimo que ele baixa a cabeça diante do conhecimento racional, exatamente diante da impossibilidade desse conhecimento. E ali surge o pequeno milagre, a epifania: nesse mesmo momento de aceitação do não-conhecimento, do "INconhecimento" — ponto zero do saber e do não saber — esse pequeno milagre acontece: é-lhe dada a visão da causa, essa causa que ele não apreende racionalmente, ele a vê. Isto lembra a graça divina dada ao místico depois da Travessia da Noite (São João da Cruz), porém, aqui, estamos na horizontalidade modernista e não na verticalidade latina barroca. É o Espírito de fineza de Pascal vencendo o Espírito de geometria de Descartes.

E a causa é que, quando criança, Marcel tomava chá e "madeleine" na casa da tia Leonie: o milagre do chá vem dali. Adulto, o Autor se encontra na mesma situação que da infância e tudo acontece como se essa repetição da experiência infantil provocasse uma abolição do tempo, fazendo o autor voltar ao passado: é a lembrança. E essa abolição do tempo tem, é claro, um "efeito eternidade" que provoca êxtase. Assim, há essa sensação de felicidade e imortalidade, já que a magia da infância é reencontrada e esse reencontro se faz pela abolição do tempo. E Proust ainda capricha no estudo dessas reminiscências porque ele mostra que os cheiros e os sabores, pelas suas naturezas voláteis, imateriais, assumem logicamente o papel de veículo dessas sensações tênues. (Isso não deixa de ser uma ilustração das "correspondências baudelairianas").

Essa aproximação de Proust na direção da sensação provocada pelo chá e a "madeleine" é progressiva e envolvente (no sentido que essa aproximação faz voltas ao redor da sensação). Ela tenta cercar passo a passo esse ponto (a ser conhecido) que é o da sensação. Por isso, ele usa vários métodos — cada um correspondendo à uma nova aproximação, rejeitando um a um os que não funcionam mais. Assim, temos dois métodos racionais, o da criação artística e, finalmente, um racional menos definido e (depois de baixar a cabeça da sua razão) a intuição, assim como uma espécie de graça horizontal que não proporciona a visão do divino e sua eternidade — fora do espaço-tempo — mas apenas a visão do tempo trabalhando e seu resgate pela reminiscência: a memória involuntária. E essa aproximação se faz num movimento de rotação ao redor do ponto-sensação a ser conhecido (como a do caçador ao redor da sua vítima — espécie de "encerclement"). Tendo aproximação e rotação ao mesmo tempo, temos também assim — geometricamente falando — a formação de um espiral cujo centro seria a sensação. Mas na verdade, há dois centros — porque com certos métodos Proust chega num ponto que fica perto da sensação mas não a alcança — trata-se de um centro provisório, sombra do verdadeiro centro. Para chegar neste, há de dar um salto, um pulo que corresponde a uma abolição do conhecimento e que se manifesta na Criação Artística ou na intuição da memória: a reminiscência.

Caçador cercando a sua vítima: essa imagem quer apenas ser estrutural e não fundamental. Porque, no fundo, Proust, nesse momento envolvente, faz mais acariciar que caçar a sensação. E isso se reflete no contexto de um salão mundano aristocrático, ou na sala da Tia Leonie, ambiente não de caçador, mas de doçura burguesa, aristocrática e francesa. A espiral proustiana se enfeita então de verdadeiras rendas que se manifestam também no

plano estilístico: as famosas frases longas com muitas orações subordinadas (chamadas ironicamente de frase-macarrão) e essas frases fazem mil voltas delicadas que é o movimento em espiral do pensamento proustiano.

Espiral e Rendas fazem pensar em certos tipos de flores como os girassóis e as orquídeas. Então, não por acaso, um dos livros da **Busca do Tempo Perdido** tem como título **A sombra das moças em flor** e que Swann em **Um amor de Swann** gosta de brincar de "cattleya" com Odette de Crécy (essa flor sendo justamente uma orquídea). Bodas perfeitas da forma e do fundo — correspondência entre fundo e forma.

Falou-se muito, com relação a Proust, de um suposto impressionismo-subjetivismo e de uma frase-macarrão desafiando os preceptos de uma escrita limpa, clássica, francesa. Porém, o "eu" da busca do tempo perdido não é o eu das confissões, é um eu que conhece, que está em debate ferrenho do conhecimento e do INconhecimento e que destaca claramente o lugar devido à Razão Pura, à Razão Experimental, à Criação Artística, Intuição (graça horizontal), fazendo num só texto imenso e rebuscado, um verdadeiro censo de todas as possibilidades do Espírito Humano diante das Coisas, prevendo também a resolução final proustiana: a espiral se desdobra em flor, renda e poesia pura.

A espiral proustiana ilustra o casamento quase impossível entre o Espírito de geometria (sua forma) e o Espírito de fineza (sua renda) e, assim, reconcilia as duas grandes famílias espirituais da França, o racionalismo e o instuicionismo.